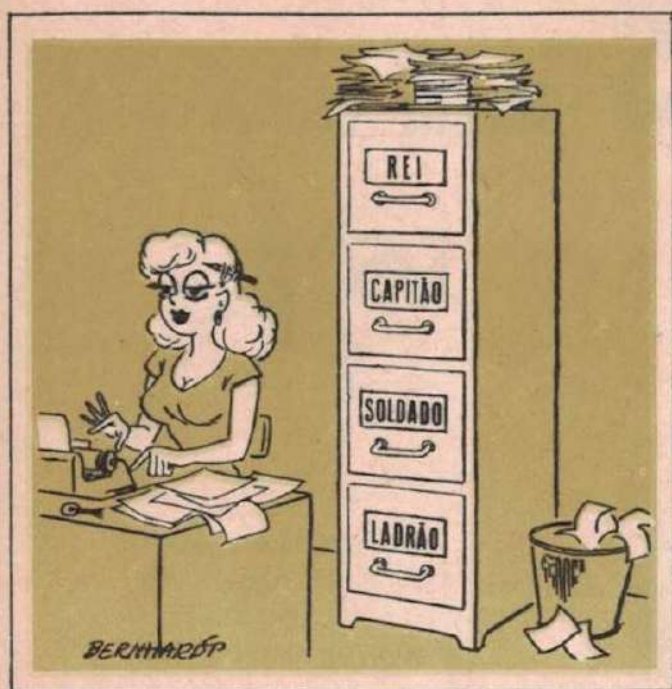


Por que não jogar fora 90% das coisas inúteis que guardamos?



NÃO FAÇA COMO OS ESQUILOS

(Condensado de «Advertising Agency»)

Por Don Herold

NÃO ARQUIVE. Jogue fora. Durante a maior parte da minha vida eu fui um colecionador fanático, mas agora que atingi a maturidade (e cheguei a ter um depósito cheio de coisas inúteis), para minha felicidade reduzi os meus «guardados» a um camisolão de dormir, uma escôva de dentes, um bloco de papel, um lápis e alguns retratos de família.

Quando digo guardados, refiro-me a tudo que é badulaque, desde antigas cartas e ingressos para aquele grande jôgo de futebol em 1913, de

cadeiras velhas no sótão até à mangueira velha de regar jardim que está no porão—qualquer coisa que a gente guarda «para o caso de precisar», ou por «motivos sentimentais».

Há muito dos irmãos Collyers em quase todos nós. Os Collyers eram dois velhos, dêsses que poupam até barbantes. Viviam em Nova York, e abarrotaram um prédio de quatro andares, enchendo-o de tal modo de jornais velhos, pianos de cauda, latas vazias e outras bugigangas, que um monte delas acabou caindo em cima de um dêles, Langley, e o matou. Homer, o outro, cego e paralítico, morreu de inanição em consequência da morte do irmão. A polícia encontrou o corredor da entrada tão cheio de «entulho», que foi preciso arrombar uma janela do segundo pavimento para alcançar os cadáveres.

Os Collyers eram acumuladores patológicos. Mas qualquer de nós pode pegar a doença, se não tiver cuidado.

Talvez sejam os arquivos, não os insetos, que venham a destruir a raça humana. Foi calculado que os vencimentos dos funcionários federais incumbidos de cuidar de arquivos nos Estados Unidos perfazem um total superior a 680 milhões de dólares anuais. Os próprios arquivos ocupam um espaço igual a seis vêzes o do Pentágono, o edifício de maior área do mundo. Tenho a impressão de que se precisa de dez toneladas de papel para construir um couraçado—encomendas, plantas, ordens de serviço, relatórios sôbre o andamento dos tra-

balhos, prioridades, etc. E o mais triste é que, quando um couraçado é convertido em ferro velho, os arquivos não são postos a pique.

Organizações comerciais estão sentindo, cada vez mais, a monstruosa ameaça dos arquivos que crescem como cogumelos. Não há muito a Westinghouse Electric Corp. pôs fora uns 120 carregamentos de papéis antigos. Uma das principais companhias de aviação do país verificou poder destruir, por inúteis, 72% dos papéis que arquivava; e a mim me disseram que, dos diretores da companhia de sabão Procter & Gamble, é mais fácil obter uma ordem de pagamento de 10 mil dólares, para «alguma coisa útil», do que adquirir um novo arquivo.

A maioria dos atos de arquivar tem por base, em primeiro lugar, o medo. O pessoal de escritório, dos diretores aos subordinados, arquivam tudo porque quer ter uma defesa em caso de controvérsia.

Uma secretária que entrevistei diz que tem uma pasta provisória de coisas que parece não ser preciso arquivar. Passadas umas duas semanas, ela revê o conteúdo da pasta e certifica-se de que a maior parte pode ser jogada fora.

O gerente do escritório de uma grande companhia expõe a questão nestes termos:

—É necessário arquivar alguma coisa, mas nem todo pedaço de papel fica sendo sagrado só por conter alguma coisa dactilografada. Por exemplo: Joe D. chama-nos ao telefone e

faz uma pergunta; damos-lhe a resposta, e a coisa acaba aí. Porém se Joe nos escreve, arquivamos a carta, juntamente com uma cópia da resposta, e no escritório de Joe uma cópia da carta dêle é arquivada com a resposta, e êstes papéis provavelmente ficarão arquivados até ambos os escritórios desaparecerem.

Eu sei que certos documentos têm valor incontestável. Mas quanto valem, e por quanto tempo? A Comissão Hoover, nomeada em 1947 pelo Govêrno Norte-Americano para estudar o problema, calculou que, tanto no comércio como no govêrno, só 10% dos registros deviam ser conservados permanentemente: cêrca de 35% podiam ser destruídos imediatamente, conservando-se os outros 55% até segunda ordem.

O humorista James Thurber, limpando um dia a sua escrivaninha, descobriu que tinha guardado um boletim do Ministério da Agricultura dos EE. UU., do ano de 1916, porque alguém lhe dissera que trazia o seu nome. Êle não sabia ao certo.

E nem você nem eu sabemos ao certo por que conservamos a metade das coisas que temos guardadas. Os esquilos podem ter razão de arquivar nozes para o inverno, e pode ser que os cães tenham razão de esconder ossos, porém a maior parte dos atos de arquivar que nós, os seres humanos, praticamos, não passam de manifestações de algumas das nossas piores peculiaridades—a nossa avareza ou mesquinhez, o nosso medo do futuro, a nossa dependência de apoios mate-

riais, a nossa fraqueza, que nos leva a apegar-nos às velhas experiências, em vez de caminharmos corajosamente para as novas; e pode ser apenas preguiça, pura e simples. É preciso energia, física e moral, para *não* arquivar.

Uma dezena de vezes por dia eu

supreendo o meu braço movendo-se na direção da papeleira, mas detenho-o no ar, amarroto qualquer coisa na mão e atiro-a à cesta de papéis. Você pode reduzir o seu hábito de arquivar, como eu reduzi o meu, refletindo um pouco e tendo coragem. Hoje em dia papel velho vale dinheiro.

RIR

É O MELHOR REMÉDIO

CHEGANDO atrasado para o jantar, um convidado encontrou um lugar reservado para êle, perto da cabeceira da mesa, onde estava sendo trinchada uma galinha.

—Ah! disse êle, vou ficar perto da galinha...

Nisso, notando que ao lado estava uma senhora, procurou explicar-se, todo afobado:

—A do prato, está claro.

—*Catholic Fireside*



UM *cowboy*, ostentando um anel com uma pedra enorme e faiscante, ouve de um amigo assombrado:

—Isso é brilhante de verdade?

—Se não fôr, respondeu o *cowboy*, arrastadamente, fui roubado em cinquenta cruzeiros.

—*Boyce House, Roundup of Texas Humor (Naylor, ed.)*



O DIRETOR de orquestra Cab Calloway, elogiado por uma organização israelita pelos seus esforços no

sentido de promover a aproximação intercredos, compareceu a um jantar em sua homenagem. A certa altura, alguém contou uma pilhéria em iídiche e Cab riu gostosamente, com tôda a sala. O orador principal voltou-se então para êle, surpreso:

—Eu ignorava que o senhor compreendesse iídiche.

—Eu não compreendo, disse Cab. Mas *confio* em vocês.

—*Irving Hoffmann, em The Hollywood Reporter*



UM SOBRINHO pequeno da atriz vai ao seu camarim quando termina o espetáculo e, depois de conversar um pouco, pergunta, preocupado:

—Você beija mesmo aquêle homem, titia?

—Sim, meu bem, beijo-o mesmo, confirmou a atriz, com um sorriso.

O garôto teve um movimento de reação e, incrédulo, estranhou:

—Puxa! E êle não se incomoda?

—*The Spectator*